

O Guará

By

Bill Labonia

guilherme.labonia@gmail.com

Ext. Caatinga - dia

A paisagem seca e avermelhada tremula com o forte calor do nordeste. O zumbido quase elétrico das moscas sobrevoando a carniça fica cada vez mais evidente. Um CARRO escuro ENTRA em cena e encosta. Apenas o nome do carro em primeiro plano na tela: LOGAN

O vidro do carro abaixa e dentro dele ROCHA olha para fora. Ele tem feições duras, como um soldado, usa camisa social e óculos escuros. A medida que o vidro vai abaixando, vai ficando mais nítido o SOM DO CARRO. No rádio, um OUVINTE por telefone fala com o RADIALISTA.

OUVINTE RÁDIO

(V.O.)

Chupa o sangue dos bezerros e come a carne. Deixa só a carcaça seca pra trás.

RADIALISTA

(V.O.)

E você chegou a ver essa criatura?

OUVINTE RÁDIO

Cheguei. É meio homem meio bixo. O Olho brilha no escuro...

Ele encara carcaça de boi coberta por moscas por alguns instantes. Puxa o celular e bate uma foto. Fecha o vidro e acelera o carro, que levanta poeira ao partir pela ESTRADA DE TERRA.

INT. CARRO - DIA

Rocha segue dirigindo

Ele aumenta a potência do ar condicionado, que não conseguia dar vazão ao calor.

Resmunga sozinho alguma coisa enquanto puxa um cigarro.

Ele abaixa o vidro, acende o cigarro. Muda a estação antes que o ouvinte terminasse de falar e coloca música para tocar.

CREDITOS INICIAIS

A)O Carro deixando um rastro de poeira na estrada de terra

B)Paisagens da Caatinga

C) cortadores de cana

D) Caminhão de trabalhadores de cana passando pela estrada.

EXT. BOTEÇO - DIA

Ele se aproxima de um pequeno boteco.

Alguns jagunços bebendo, jogando conversa fora. O dono do boteco olha enquanto ele se aproxima.

INT. BOTEÇO - DIA

ROCHA vai até balcão.

ROCHA

Me de a mais gelada que você tiver
aí.

Ele vira o copo em um único gole, que não foi o suficiente para matar sua sede, já que imediatamente ele serve outro.

O boteco era bem pequeno. "Pé sujo" mesmo.

Uns poucos gatos-pingados bebendo.

Ele examina discretamente cada um deles através dos óculos escuros. Seus trajes, o que carregam, o que bebem.

DONO DO BOTEÇO

Mais uma?

Ele se vira para o senhorzinho, que repete a pergunta.

DONO DO BOTEÇO (CONT'D)

Mais uma moço?

Ele sinaliza com a cabeça enquanto o senhor franzino lhe serve mais um copo e abre outra garrafa.

ROCHA

Tem banheiro aqui?

O senhorzinho franze a testa envergonhado enquanto responde

DONO DO BOTEÇO

Tem...ali atrás. Vai por ali ó.

Ele se levanta e vai pela...

LATERAL DO BOTEÇO

Apenas para descobrir que o "banheiro" era nada mais do que um canto junto a uma torneira.

(CONTINUED)

Sem muita cerimônia, ele leva as mãos ao cinto, vemos que por debaixo da camisa, ele carrega um coldre e uma arma.

Ele começa a mijar, aliviado. Fecha os olhos e relaxa.

Um estalo não muito longe faz ele segurar o fluxo por um momento, tentando identificar a origem do som.

O segundo estalo o faz fechar as calças com pressa e sacar a arma.

A vegetação seca estala sob seus pés enquanto ele lentamente vai andando em direção aos fundos do boteco, que dava para um campo de moitas secas.

Ele vira a esquina, arma em punho.

Havia um corpo deitado no chão, contra a parede dos fundos do boteco. Um guará já cheirava e puxava as roupas do corpo que permanecia inerte.

Ele faz gestos para afugentar o animal, que acaba desistindo e fugindo timidamente.

Ele guarda a arma e se aproxima para examinar melhor o corpo.

Era um homem, estatura baixa. Estava descalço, mas seus pés sujos denunciavam que ele já andava assim a algum tempo.

Usava uma calça igualmente imunda. O corpo tinha um cheiro forte de álcool e suor.

Usava uma camisa de botão bastante surrada e rasgada. Tinha os cabelos compridos e desgrenhados e barba cheia.

A pele negra do sol e da poeira.

Ele cutuca o corpo com o pé e tenta virá-lo.

Muitas garrafas de pinga vazias estavam jogadas no chão, ele conta 6 a primeira vista.

O rosto estava encoberto pela barba e cabeleira desgrenhada

Ele tenta afastar o cabelo para poder ver o rosto

O corpo abre os olhos.

Ele se assusta. O homem estava vivo, mas estava bêbado como um timbú.

Depois que a tensão vai embora, ele deixa o corpo deitado do mesmo jeito que encontrou e volta para o

BOTECO

ROCHA

E esse homem caído aí atrás?

DONO DO BOTECO

Sei quem é não. Um pinguço
qualquer.

ROCHA

Você conhece?

DONO DO BOTECO

Rapai, conhecer eu num conheço não.
Por que?

Ele puxa a carteira de dentro do bolso, um distintivo.
Mostra para o senhorzinho.

ROCHA

Eu trabalho pro Disque Denúncia.
Sabe o que é?

O Dono balança a cabeça positivamente.

ROCHA (CONT'D)

Eu to procurando uns foragidos por
essas terras. Pessoas estranhas,
que chegaram ou passaram por aqui
recentemente, sem família, sozinho.

O Dono do Bar pensa um pouco...

DONO DO BOTECO

Esse caba aí chegou, comprô 6 tubo
de cana e saiu, mas eu num cunheço
não. Tu conhece ZÉ?

Um dos bêbados clientes do boteco

ZÉ

Quem?

DONO DO BOTECO

Esse caba dos 6 tubo de cana?

ZÉ

Eu ja vi ele por aqui já, mas num
tem casa não. Vive na rua, intocado
no mei dos mato, só bebena.

(CONTINUED)

ROCHA

Daonde ele tira dinheiro pra comprar cana?

ZÉ

Sei não. Deve ser pedinte nì mindingo.

DONO DO BOTEÇO

Ou então é ladrão.

Os dois se entreolham.

ROCHA

Tem família? Mulher, filho?

ZÉ

Oxe, tem nada. Isso vive por aí, bêbo. Aparece de vez em quando pra comprar pinga.

Rocha termina o último gole da sua cerveja, paga a conta e volta para o CARRO.

INT. CARRO - DIA

Pega o celular e faz uma ligação.

ROCHA

Alô. Da Silva? Sou eu. Achei um por aqui. Vamo arrastar?

(pausa)

Positivo.

(Pausa)

To no aguardo então.

Ele liga o carro e antes de sair, ele percebe o mesmo guará o espreitando em meio as folhagens. Cabeça baixa, olhar fixo. O carro SAI.

EXT. POR DO SOL NA CAATINGA - ENTARDECER

O sol se põe na caatinga

INT. CARRO - NOITE

O homem está dormindo dentro do carro que está encostado junto de um orelhão em uma cidadezinha.

Alguém bate no vidro do carro do lado de fora. "toc toc toc"

Ele acorda assustado e abaixa os vidros.

(CONTINUED)

DA SILVA
Ta dormindo porra?

ROCHA
Porra Da Silva. Vai tomar no cú!

Da silva ri

ROCHA (CONT'D)
Cadê os outros?

DA SILVA
Só veio Eu e Aílton. Não ta bom não
é?

Mais atrás, o CARRO de Da Silva com AÍLTON sentado no banco do passageiro.

ROCHA
Bora. Eu vou na frente. Vem me
seguindo.

Da Silva se afasta do carro e volta para o seu, onde outro cara o esperava.

EXT. ESTRADA - NOITE

Os dois carros dirigem pelas estradas de terra.

INT. CARRO - NOITE

ROCHA desliga os faróis do carro. Imediatamente a escuridão engole seu carro e ele só vê poucos metros a frente.

Ele se aproxima devagar do...

EXT. BOTECO - NOITE

Eles se aproximam do boteco de mais cedo, a luz está acesa e apenas duas pessoas sentadas bebendo. O som distante de um rádio a pilha tocando um forró brega.

Eles param os carros na beira da estrada e seguem a pé ROCHA saca sua arma assim que desce do carro. DA SILVA carrega uma calibre 12 e AILTON uma pistola.

Eles se aproximam dos fundos do boteco.

As garrafas estavam ali, mas o bêbado havia ido embora.

DA SILVA
(sussurrando)
Cadê o cara porra?

(CONTINUED)

ROCHA dá de ombros e continua procurando. Ele consegue identificar uma trilha no meio dos galhos secos. Ele aponta pros outros. Eles seguem devagar, tirando da frente os galhos secos que se quebravam facilmente. O barulho é inevitável.

Eles escutam barulhos no mato, como se outra pessoa também andasse cuidadosamente. Eles param pra tentar escutar. Os galhos estalam debaixo de seus pés.

DA SILVA (CONT'D)

Shhhhhhhh!

ROCHA

Silêncio porra! Calaboca caralho!

Eles ficam imóveis tentando escutar melhor. Os estalos vão ficando mais perto.

Suas lanternas pouco adiantavam, já que os galhos formavam uma densa camada de vegetação seca para todos os lados.

Ele olha para o lado, aponta a lanterna e se assusta.

Os olhos brilhantes do guará refletem a luz da lanterna. Ele aponta a arma para o animal, que o encara por alguns segundos e se esconde na mata.

Os outros riem.

DA SILVA

Haha. Ta assustado é?

Da silva ri e sacaneia o colega e nem percebe que atrás dele, o bêbado está de pé, atrás dos galhos, observando.

Aílton vê e também toma um susto, dessa vez ainda maior. Ele se vira com arma em punho e a lanterna a pontada para o bêbado, que protege os olhos com a mão.

Em um segundo, os três já apontam suas armas e lanternas para o bêbado, que não recua e não esboça nenhuma reação. Ele está de pé, com uma garrafa em uma das mãos enquanto protege os olhos da luz com a outra.

Os homens se separam, tentando cercar o bêbado.

ROCHA

PERDEU! PERDEU! Ajoelha!

AILTON

PRO CHÃO PORRA!

O bêbado não esboça reação, até que DA SILVA consegue chegar perto o bastante para dar uma coronhada em sua cabeça.

O bêbado cai de joelhos com a pancada, os outros se aproximam pra cima dele pra imobilizá-lo.

O bêbado geme de dor. Gemidos que se misturavam com rosnados.

Um grupo de guarás cerca a cena, rosnando, escondidos em meio aos galhos.

Eles tentam imobilizar o bêbado, que começa a resistir.

Da silva puxa do bolso uma seringa. Depois de remover a tampa com a boca, ele injeta o tranquilizante no pescoço do bêbado, que vai se debatendo menos e menos, até que amolece.

ROCHA

Bora. Pega nas pernas.

Eles pegam o bêbado desacordado e começam a carregá-lo de volta para o...

EXT. CARRO NOITE

No caminho o bêbado começa a se mexer, começa a despertar.

ROCHA

Caralho Da silva. Que merda é essa que tu aplicou nele? O cara ta acordando.

DA SILVA

Meu irmão. Isso é pra dopar cavalo. Eu dei uma dose pra ele dormir até de manhã.

AILTON

Da outra então caralho!

DA SILVA

Tu tá doido? Não é assim não imbecil!

ROCHA

PERAÍ PORRA!

cansado da discussão, ROCHA arreia o bêbado no chão para pegar um par de algemas no seu bolso.

Assim que ele fecha a aljava em torno do primeiro pulso, o bêbado acorda.

(CONTINUED)

Enfurecido, o bêbado chuta e o faz cair sentado pra trás. Os outros dois tentam segurá-lo.

O bêbado tenta se levantar, colocando toda a sua força. Os dois, por sua vez, tentam ao máximo segurá-lo. Mesmo drogado, ele age como se estivesse perfeitamente bem.

Da Silva, que é grande e gordo, usa todo o seu peso para tentar manter o bêbado no chão.

Ele sente algo pontiagudo penetrando na sua barriga e rasgando sua carne. Ele grita de dor. Ailton tenta puxar para algemar o outro braço do bêbado, enquanto Rocha se levanta, pega um pedaço de pau no chão e golpeia o bêbado na cabeça.

O golpe seco faz o bêbado cair imediatamente. Ele cai mole, inerte no chão. Seu pescoço se dobra em um ângulo não natural e agora ele parece estar morto.

Da Silva rola para o lado. Sua barriga já está totalmente ensanguentada

ROCHA (CONT'D)

Caralho Da Silva. Que porra foi essa?

AILTON

O puto devia ta com uma faca escondida.

DA SILVA

Caralho... caralho...

Rocha abre a camisa de Da Silva e percebe três perfurações na barriga. Sangrava generosamente.

Eles abrem o carro e colocam Da Silva no banco de trás.

DA SILVA (CONT'D)

Caralho, Que merda. Eu vou morrer!

ROCHA

Cala a boca porra. Tu vai se salvar.

Rocha deixa Da Silva no banco de trás e volta pra fora pra ajudar AILTON.

Eles pegam o corpo do bêbado e jogam na mala do carro.

INT. CARRO - NOITE

Dentro do carro, ROCHA dirige e Aílton vai no banco do passageiro. Da Silva está no banco de trás completamente banhado em sangue. Da silva está em desespero com a quantidade de sangue que jorra de sua barriga. O interior do carro está completamente vermelho.

DA SILVA
Caralho, eu vo morrer porra!

ROCHA
Cala boca porra. A gente vai te levar pro hospital.

AILTON
(para rocha)
Aqui não tem hospital...

DA SILVA
Eu não acredito que eu vou morrer desse jeito. Que merda!

Eles se entreolham em silêncio enquanto Da Silva agoniza no banco de trás.

EXT. ESTRADA - MINUTOS DEPOIS

O carro está parado na beira da estrada. Os dois homens estão de pé andando de um lado para o outro, nervosos. ROCHA está encostado no capô do carro enquanto Aílton fuma impacientemente.

AILTON
Fudeu, Fudeu!

ROCHA
Calma porra.

AILTON
Como calma? Da silva morreu porra!
Como vamo explicar isso pro chefe?

Impaciente, Aílton vai até o porta malas do carro e abre.

O corpo do bêbado estava ali, mas em uma posição diferente do que eles colocaram.

A cabeça e o cabelo estavam empapados de sangue da pancada. Aílton tenta retirar o corpo do porta-malas.

O bêbado tosse.

Aílton pula pra trás, assustado

(CONTINUED)

AILTON (CONT'D)
Caralho. O filha da puta ta vivo
ainda!

Ailton puxa a arma para atirar no bêbado algemado, Rocha não deixa.

ROCHA
Ta maluco porra?

AILTON
O cara matou da Silva!

ROCHA
Foda-se. Vamos terminar o serviço e
arrastar o cara. Da Silva era
adulto e já sabia do risco.

Ailton guarda a arma contrariado. O outro pega um galho seco no chão e da mais um golpe na cabeça do bêbado. O suficiente para desacordá-lo pelas próximas horas.

O carro parte minutos depois, deixando para trás, escondido no mato, o corpo de Da Silva.

INT. SALA DE CIRURGIA - DIA

Dentro de uma sala escura, em uma maca de hospício, Alguns homens vestidos de enfermeiros imobilizam o bêbado com as amarras bem apertadas. Ele ainda está inconsciente.

Outro enfermeiro se aproxima com uma máquina e começa a raspar a cabeça e a barba do bêbado.

O cabelo empapado de sangue cai em um monte no chão, mas por debaixo, não se via nenhum ferimento aberto aparente.

Depois de devidamente raspado e limpo, o bêbado está deitado, ligado a aparelhos que monitoram seus sinais vitais.

O que parece ser um MÉDICO começa a fazer observações em voz alta para o gravador.

MÁICO #1
nenhum ferimento aparente, sem
cicatrizes, pressão normal. O
fígado funciona bem e está
completamente sadio. O espécime têm
saúde perfeita. Por precaução,
estamos mantendo ele sedado até a
hora do procedimento. O espécime
resistiu a captura e acabou levando
um dos soldados a morte.

Em outra sala, através de uma janela, dois médicos observam tudo enquanto fazem anotações.

INT. SALA DE INTERROGATÓRIO - DIA

ROCHA está sentado em uma cadeira. Parece que não dormiu nada durante a noite. Está fumando um cigarro enquanto um HOMEM ALINHADO senta a sua frente e abre uma pasta.

Dentro da pasta estava uma ficha e uma foto dele. Era um arquivo militar do exército brasileiro e exibia seu nome em negrito. Denílson Rocha.

ROCHA não fala nada, apenas dá o último trago em seu cigarro antes de jogá-lo no chão.

HOMEM ALINHADO

Major Denilson Rocha. Existem várias inconsistências no seu relatório. Se importa de explicá-las pra mim?

Rocha respira fundo.

ROCHA

não tem muito o que explicar não. A gente foi fazer a coleta, o sujeito resistiu. Tivemos que aplicar força bruta e um dos soldados acabou morrendo.

O HOMEM ALINHADO vira algumas folhas na pasta.

HOMEM ALINHADO

O sargento Da Silva. Me conte como aconteceu.

ROCHA

Foi muito rápido. O sujeito devia estar com uma faca escondida. Quando o sargento tentou segurar ele, ele deve ter golpeado 3 vezes. Foi tudo muito rápido.

HOMEM ALINHADO

E onde está a faca? Vocês recolheram as evidências?

ROCHA

Não. Não encontramos nenhuma faca. Me explique de novo porque que a gente tá fazendo essas coletas?

O homem sorri enquanto folheia os papéis

(CONTINUED)

HOMEM ALINHADO

Seu trabalho é trazer os elementos pra cá. O resto está muito acima da sua patente.

ROCHA

Com todo respeito
(se levanta da cadeira)
Meu amigo morreu hoje e eu tive que desovar o corpo dele no mato, como um marginal qualquer. Eu gostaria de pelo menos saber o motivo.

HOMEM ALINHADO

Aqui diz que você golpeou o sujeito duas vezes na cabeça

Rocha concorda com a cabeça enquanto acende outro cigarro. Está nervoso.

ROCHA

A primeira eu achei que tinha matado ele. Eu achei até ter escutado o pescoço do filha da puta estalando.

O homem faz algumas anotações, em seguida fecha a pasta e se levanta.

HOMEM ALINHADO

O senhor está dispensado, Major Rocha. Vou mandar alguém aqui lhe escoltar até a saída.

ROCHA

Como assim? Só isso?

HOMEM ALINHADO

Seu pagamento será entregue como sempre e eu nem preciso lhe lembrar que seu trabalho é confidencial.

ROCHA

Mas eu quero pelo menos...

HOMEM ALINHADO

DISPENSADO!

Rocha engole em seco e presta continência para o homem, que apenas sai da sala.

Dois soldados fardados entram na sala e trancam a porta atrás deles.

(CONTINUED)

Do lado de fora da porta, escutamos os gritos de Rocha.

FADE TO BLACK

EXT. MATA DA CAATINGA - NOITE

POV: Na mata da caatinga, um predador espreita a sua presa. Através dos olhos do predador, vamos nos esgueirando pela vegetação. Uma vaca magra busca alimento em meio a seca do nordeste.

Vamos nos aproximando sorrateiramente pelos galhos, esperando pelo momento certo de atacar.

A respiração é calma e controlada. As batidas do coração são fortes e ritmadas

Nos aproximamos devagar, nos esgueirando por entre os galhos secos, pela terra vermelha.

Olhos fixos no alvo.

A respiração cessa e os batimentos cardíacos parecem parar por um instante, no momento antes do ataque

Os sons da carne sendo rasgada e ossos sendo quebrados.

Rosnados e latidos

A vaca agoniza e esperneia enquanto seu sangue escorre livremente para fora do seu corpo.

O momento do abate.

O barulho vai diminuindo, a vaca para de se debater lentamente. Os rosnados ficam mais baixos.

Um momento de silêncio

Escutamos o mastigar da carne e o farejar dos guarás

Em relances vemos os guarás se alimentando da carne crua

Nós estamos nos alimentando.

Um suspiro de satisfação.

A cada mordida, a respiração se torna mais profunda, mais ritmada. Quase como suspiros de relaxamento.

Nossa visão vai ficando mais nítida, quando vemos nossas mãos, cobertas de sangue.

Mãos humanas.

As entranhas ainda entre os dedos

O coração começa a disparar de novo.

A respiração fica ofegante.

Os guarás em volta, olhando para nós.

Rosnando para nós.

Os olhos do guará são fixos como vidro e penetrantes como uma faca. Nos olha fixamente

INT. SALA DE CIRURGIA - DIA

Um relâmpago de dor acorda o bêbado. Sua boca está amordaçada com um mordedor frequentemente usado em terapias de eletrochoque, que impede que o paciente trinque os dentes ou morda a própria língua.

Seus olhos são como os de um animal acuado. Uma mistura de medo e raiva.

Seus cabelos e sua barba já começavam a se pronunciar em sua cabeça

Outro lampejo de dor aguda faz seus olhos se arregalarem em lágrimas. Ele não consegue pensar nem se situar.

Está amarrado em uma maca, completamente imobilizado.

Dezenas de agulhas estão espetadas por todo o seu corpo. Cada uma ligada a um soro intravenoso.

A dor é insuportável.

Mais um lampejo de dor o faz apagar. Seus olhos giram nas órbitas e ele começa a entrar em convulsão.

A sua volta, médicos e enfermeiros mascarados tentam contê-lo, enquanto ele se debate fora de controle.

EXT. CAATINGA - DIA

POV: Uma luz forte e ofuscante nos cega enquanto tentamos nos proteger com a mão.

É o sol da caatinga, ardendo sobre a terra vermelha.

Estamos mais uma vez em primeira pessoa.

Vemos a mão suja que bloqueia a luz do sol

Vemos nossos pés descalços cambaleando.

Vemos o horizonte oscilar em ondas de calor.

O coração acelerado.

A boca seca

Nós caímos de joelhos, mãos apoiadas no chão

A respiração seca e ofegante

Vamos nos deitando no chão, barriga pra cima

O sol bem acima de nós, ardendo e nos cegando.

Colocamos a mão com esforço para proteger os olhos.

Mas a luz é muito forte.

EXT. MATA DA CAATINGA - NOITE

Um lampejo de dor nos leva para a mata, a noite. Lanternas apontadas para o nosso rosto, a mão tentando bloquear a luz.

Os gritos distantes e abafados dos homens apontando suas armas.

INT. SALA DE CIRURGIA - DIA

Um outro lampejo faz o bêbado despertar em sua maca. As veias do seu rosto estão inchadas. Todos os seus músculos contraídos.

Os enfermeiros que estavam lhe segurando, começam a soltá-lo enquanto ele lentamente toma consciência..

Um médico sinaliza para o outro, que imediatamente entende o recado. De novo. Ele aperta um botão.

Um novo lampejo de dor faz seu corpo se enrijecer novamente, seus olhos deslizam para o fundo das órbitas.

EXT. CAATINGA - DIA

Um flash ofuscante de luz nos leva de volta a caatinga.

Estamos de joelhos na mata.

Mãos cobertas de sangue.

Estamos sobre um corpo. Sua barriga está aberta, dilacerada por vários golpes perfurantes.

Nós fizemos isso.

A expressão de terror no defunto nos chama atenção. Boca aberta, olhos esbugalhados.

Revistamos os seus bolsos. Tiramos algumas notas amassadas e nos levantamos.

A nossa volta, os guarás se aproximam, famintos.

A cada passo que recuamos, eles avançam.

Até que nos viramos e vamos andando, escutando o barulho dos guarás devorando sua presa.

A dor invade nossos ossos

Nós gritamos desesperadamente.

Um outro lampejo de dor

Estamos sendo segurados. Vários homens nos imobilizam. A nossa frente, uma fogueira e um homem com uma faca na brasa.

É o homem que vimos anteriormente, antes de sua morte.

Ele se aproxima com a lâmina da faca brilhando, ardendo em brasa.

HOMEM

Pra tu aprender a não roubar mais
ninguém, nego safado. Segura ele
aí.

Nós nos debatemos enquanto os outros nos imobilizam. Ele se aproxima com a faca.

Nossa respiração ofegante se transforma em um grito de dor quando a lâmina quente encosta no nosso peito.

O homem ri com um prazer sádico

A pele derrete contra o aço incandescente

A Dor é insuportável. Gritos e ruídos dominam a nossa mente.

As risadas.

Tentamos nos soltar com toda força.

O barulho e os gritos cessam por um instante.

Um momento onde o tempo parece parar.

Apenas um leve zumbido, como o que sucede uma grande explosão.

EXT. SALA DE CIRURGIA - DIA

De volta a sala de cirurgia, O apito das maquinas indicam uma parada cardíaca.

O tempo passa devagar. Um segundo que mais parece uma eternidade.

Os médicos e enfermeiros correm para tentar reanima-lo. O médico chefe sai da sala irritado, jogando uma prancheta no chão.

Um enfermeiro se aproxima com um desfibrilador.

O choque faz o corpo tremer, mas o apito constante continua.

Eles dão mais um. O bêbado parecia ter desistido.

Quando seus olhos se abrem, um pequeno bip soa na sala.

Ele grita e suas amarras se rasgam.

Agulhas são arrancadas do seu corpo enquanto ele se debate e derruba a maca, caindo no chão.

Os enfermeiros correm para tentar contê-lo. Todos em pânico.

INT. CORREDOR - DIA

Do lado de fora da sala, em um corredor, o médico chefe já tirava sua máscara quando escuta o barulho e o tumulto vindos lá de dentro. Ele volta lentamente para ver o que está acontecendo.

Da pequena janela da porta, ele vê sombras e vultos do lado de dentro.

Ele se aproxima da janela cauteloso.

O rosto de um enfermeiro morto é prensado contra o vidro. Olhos esbugalhados, boca ensanguentada. Ele ainda olha para o Médico Chefe em um último reflexo antes de morrer.

O médico começa a correr. Ele escuta a porta se abrindo atrás dele.

É um longo corredor até a saída.

Ele corre em pânico. Isso parecia um pesadelo.

Ele podia escutar os passos se aproximando

A respiração ofegante, os rosnados.

(CONTINUED)

Ele sente o peso sobre suas costas e as lâminas geladas perfurando seus pulmões

Ele tenta gritar, mas morre em silêncio.

EXT. BASE MILITAR - DIA

Do lado de fora do quartel, uma porta se abre e, sem que ninguém pudesse esperar, sai correndo um homem. Eles não vêem direito, mas ele é rápido.

Os soldados gritam e apontam na sua direção

Eles abrem fogo.

As primeiras balas passam zunindo pela sua cabeça.

As próximas o atingem no ombro e nas costas.

Ele tropeça, mas consegue continuar correndo

Ele segue em direção a cerca

Os soldados tentam segui-lo, mas não conseguem. Ele deixa pra trás um buraco rasgado na cerca de arame.

EXT. ESTRADA ASFALTADA - DIA

No acostamento da BR, um Ecosport vermelho está parado com o capô aberto. Fumaça sai de dentro do motor. Um homem está de pé em frente ao carro, abanando a fumaça branca que saía do radiador. THIAGO (30). De dentro do carro, uma mulher tenta em vão encontrar sinal para o seu celular. RITA (25).

Ela salta do carro e abre uma garrafa de água.

O sol está forte e faz muito calor.

Ela dá um gole na garrafa e vê algo se movendo no horizonte.

Entre as ondas trêmulas de calor, ela vê ao longe, uma figura que cambaleia pelo campo.

A estranha figura dá uns poucos passos e cai no chão.

RITA

Thiago! Thiago! O que é aquilo ali?

THIAGO ainda estava tentando abrir o radiador do carro.

RITA (CONT'D)

Thiago!

THIAGO

Que é?

RITA

Olha ali!

Ele olha, aperta os olhos e vê o pequeno ponto preto caído em meio as folhagens.

RITA (CONT'D)

Eu acho que é uma pessoa.

Ele fecha o capô do carro.

RITA (CONT'D)

Vai lá. Eu acho que é alguém precisando de ajuda.

Thiago hesita um pouco, mas acaba concordando.

THIAGO

Eu vou lá ver. Fica no carro.

Ele vai andando. Ela abre a porta para entrar no carro, mas a curiosidade é maior e ela resolve segui-lo.

Ele vai se aproximando da figura caída no chão. Um homem, inconsciente que usa uma bata de hospital ensanguentada. Seu corpo sujo de sangue, mas a primeira vista nenhum ferimento aparente.

Ela chega por trás dele, olhos fixos no corpo.

THIAGO (CONT'D)

Eu falei pra você ficar no carro!

Ela ignora e se aproxima.

RITA

Será que ele morreu?

Thiago toma a frente da mulher e checa o pulso do homem.

THIAGO

Ainda ta vivo.

RITA

Mas se a gente deixar ele aqui ele vai morrer.

Thiago se levanta em dúvida. Entre ajudar uma pessoa em clara necessidade e o seu sentimento de auto-preservação, que lhe dizia o quanto era perigoso acolher um desconhecido.

(CONTINUED)

Ela se abaixa junto ao corpo, abre a garrafa d'água e molha a boca do corpo. Seus lábios se movem quase sem forças.

Os olhos se abrem apertados por causa do sol forte, ele tenta fazer contato visual, mas está sem forças.

De longe vemos a terra vermelha da caatinga. Uma imensidão selvagem e seca.

Vemos o gado magro pastando, os riachos secos.

A terra rachada.

Vemos um guará, se aproximando lentamente da estrada.

O guará observa enquanto o casal coloca o corpo do bêbado no banco de trás.

O carro sai pela estrada.

FADE OUT.